

Ciência e Tecnologia



FOLHAPRESS

GIRINOS vivem em cangas (à direita), que são encostas ricas em ferro do interior de Minas Gerais. Essa região abriga lagos onde a perereca canta e se reproduz – e que atrai mineradoras às vizinhanças de Mariana (MG) há décadas

Sobrevivente do Rio Doce

Perereca de pele verde-translúcida é a nova espécie de anfíbio descoberta em Mariana (MG), onde mar de lama invadiu o seu habitat

SÃO PAULO

Em Mariana (MG), a poucos quilômetros da área arrasada no Rio Doce pelo maior desastre ambiental da história do Brasil, cientistas identificaram uma sobrevivente da tragédia: uma espécie de anfíbio até então desconhecida pela ciência.

Para sorte da *Sphaenorhynchus canga*, uma perereca de pele verde-translúcida e apenas 3 cm de comprimento, o “mar de lama” que vazou das barragens de mineração da empresa Samarco no ano passado inundou áreas de vales, enquanto o habitat natural do bicho é mais alto, em torno de 900 metros acima do nível do mar.

Isso não significa, porém, que a espécie esteja totalmente imune aos impactos da mineração.

Seu nome científico faz referência às cangas, encostas ricas em ferro do interior mineiro que abrigam lagos onde a perereca canta e se reproduz – e que atraem mineradoras às vizinhanças de Mariana há anos. “Mesmo numa região tão degra-

dada, há espécies a serem descobertas, e algumas delas, ao que tudo indica, só existem ali”, resume o herpetólogo (especialista em anfíbios e répteis) Felipe Fortes Leite, do campus da Universidade Federal de Viçosa, em Florestal (MG).

Leite é um dos autores da descrição oficial da nova espécie, publicada na revista científica *Zootaxa* por uma equipe que inclui pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais, do Museu Nacional da UFRJ e do Museu Argentino de Ciências Naturais.

A coleta dos exemplares foi anterior ao desastre; a publicação é que veio depois. Para chegar à conclusão de que a *S. canga* era uma nova espécie, os pesquisadores compararam a anatomia do bicho à de outros anfíbios do mesmo gênero.

Analisaram ainda o canto dos machos – como o coaxar dos anfíbios serve para atrair parceiros na época do acasalamento, esse dado ajuda a separar uma espécie da outra, já que cada uma desenvolve um “estilo musical” específico, evitando o cruzamento entre bichos de espécies distintas.

Curiosamente, a equipe não conseguiu coletar nenhuma fêmea. “Os machos são mais fáceis de serem encontrados devido ao canto”, explicou o herpetólogo.

Descoberta após tragédia

Espécie tem vida ameaçada depois do desastre ambiental

Reprodução

Machos usam canto para atrair fêmeas e desafiar rivais, em geral sentados em vegetação flutuante; ovos são colocados na água calma das lagoas.

Habitat

Adultos e girinos vivem em lagoas na chamada canga, uma área formada por afloramentos rochosos ricos em ferro típicos dessa região de Minas Gerais, cercados por campos rupestres (vegetação rasteira comum em chapadas).

NOME CIENTÍFICO

Sphaenorhynchus canga

Onde fica



TAMANHO

3 cm de comprimento



Metade do habitat da nova espécie está destruído

Ainda se sabe pouco sobre a biologia e os hábitos da espécie recém-descoberta, a *Sphaenorhynchus canga*, mas já ficou claro que ela não segue os padrões típicos das pererecas mais conhecidas.

“Não é um bicho arbóreo nem sobe em paredes. Na verdade, passa boa parte do tempo na água e prefere ambientes abertos, com poucas árvores”, diz o pesquisador Felipe Fortes Leite, da Universidade Federal de Viçosa, em Florestal (MG).

Seria prematuro dizer que a espécie já “nasceu” ameaçada, segundo o pesquisador. No entanto, tudo indica que ela está adaptada unicamente à vida nas cangas, o que é uma má notícia porque quase metade desse habitat foi destruída nas últimas décadas pela mineração de ferro.

Nesse sentido, o destino do bicho e de outras possíveis espécies exclusivas da área está ligado ao que acontecerá agora que o preço da atividade mineradora desregrada ficou escandalosamente claro.

“A situação da bacia do Rio Doce como um todo já era deplorável bem antes do desastre”, diz Leite.

